

MUN

SEM PRECONCEITO

Escolas inglesas mostram modelos familiares alternativos

Esqueça o conto de fadas tradicional. A rainha desse reino distante que busca uma esposa para seu filho, o príncipe, não o satisfaz com suas escolhas. Quem conquista seu coração é outro jovem príncipe, com quem se casa e vive feliz para sempre. Desde setembro de 2006, são histórias como essas que crianças de 14 escolas inglesas têm lido. O projeto *No outsiders* foi criado por pesquisadores das universidades de Sunderland, Exeter e o Instituto de Educação da Universidade de Londres com o objetivo de ensinar diversidade sexual e estruturas familiares alternativas na escola. Se tiver sucesso, se estenderá a todas as escolas do país.

Nesse projeto o governo britânico investiu cerca de R\$ 2,4 milhões. Trata-se da primeira tentativa de introduzir livros com a temática da diversidade sexual no currículo escolar, em larga escala. Em outra publicação da lista recomendada para as escolas do projeto, intitulado *Spacegirl puker*, uma garota prestes a viajar numa viagem espacial fica doente. Quem cuida dela são duas mães. No *And Tango makes three*, dois pinguins machos vivem no zoológico de Nova



Projeto "No outsiders" está em implantação em 14 escolas na Inglaterra

York; ao perceber que eles estão apaixonados, o cuidador dos animais dá um ovo. Assim nasce o primeiro pinguim do zoológico com dois pais. A mensagem é sutil, mas clara: dois homens juntos podem ser pais.

“O mais importante nesses livros é refletir a realidade das crianças”, explica a especialista em literatura infantil e diretora do *No outsiders*, Elisabeth Atkinson, em entrevista para o jornal inglês *The Observer*. Segundo ela, histórias infantis são uma arma poderosa para formular valores sociais e promover o desenvolvimento emocional das crianças. “O que os livros não dizem também é relevante. Ao deixar de falar de relacionamentos homossexuais nos livros infantis, estamos si-

lenciando uma mensagem social. Mais tarde jovens gays ou percebidos como homossexuais poderão ser vítima de provocação na escola, situação conhecida como *bullying*”, acredita.

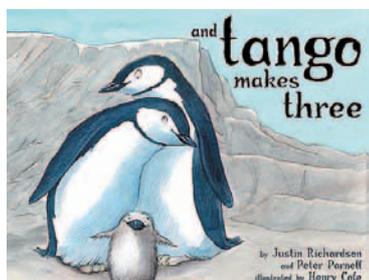
DOIS PRÍNCIPES. POR QUE NÃO? Membros do grupo Christian Voice, em contrapartida, acreditam que esse tipo de literatura é perigosa para as crianças. Para eles o projeto promove a homossexualidade. Alguns pais questionam também se seus filhos tem maturidade para lidar com essas histórias. O projeto atinge crianças com idade entre 4 e 11 anos. “Não me incomodo com o que os adultos fazem em consenso mútuo, mas não tenho certeza que isso deva ser imposto



Notícias do Mundo

às crianças”, disse Andy Hebbard, fundador do grupo Organização de Pais, para a revista alemã *Der Spiegel*. Mark Jennett, responsável pelo treinamento dos professores, explica que tanto a estória dos dois príncipes como a da Cinderela não tratam de sexo, mas são estórias de amor. “A dificuldade em lidar com estes temas não está nos alunos, mas nos pais”, diz. Segundo os pesquisadores do projeto, os livros têm sido bem recebidos pelos professores participantes. Em seus depoimentos no site <http://www.nooutsiders.sunderland.ac.uk/> consideram positivo retratar diferentes tipos de família. Crianças nessa faixa etária são menos preconceituosas, aceitam melhor a diferença, o que torna este o momento ideal para mostrar diferentes estilos de vida, visões e atitudes. Para Jennett, o projeto quer formar professores aptos a lidar com crianças que usem a palavra gay num sentido negativo. O projeto deve terminar em 2008, e os resultados publicados em livro e documentário.

Patrícia Mariuzzo



MÍDIA

Pesquisa ibero-americana mede a percepção pública de C&T

Dois mitos sobre a ciência e tecnologia (C&T) na América Latina predominam no imaginário coletivo. Um diz que há baixa divulgação científica na região; e outro que inexistente o interesse do público em assuntos ligados à ciência. “Mitos”- considera o sociólogo da ciência Yuriy Castelfranchi, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo Científico (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi ele quem mediou a sessão sobre percepção pública da ciência nos países da América Latina, Espanha e Portugal, durante o VII Congresso Ibero-americano de Indicadores de Ciência e Tecnologia, em maio, na capital paulista. No congresso estiveram pesquisadores da Rede Ibero-americana de Indicadores de Ciência e Tecnologia (Ricyt, na sigla em espanhol) que visa promover a cooperação científica entre os países.

As medições no Brasil mostram que cerca de 5-7% do espaço diário dos grandes jornais é ocupado por temas científicos.

“Se considerar que os países desenvolvidos gastam 2 a 3% do PIB em C&T, os 5% dos jornais é um valor significativo”, compara. Há notícias sobre ciência e tecnologia todos os dias e elas não se restringem às editorias de ciência, mas permeiam nos demais cadernos dos jornais diários.

Na Argentina, a ciência também está presente nos grandes jornais diários. De acordo com Carmelo Polino, da Ricyt na Argentina, mais de 60% das notícias de divulgação científica dos jornais de seu país se referem a pesquisas nacionais. “Embora haja diferença entre *Clarín* e *La Nación*, a média tende a privilegiar os trabalhos feitos na própria Argentina”, diz Polino.

PESQUISA DO MCT Os debates sobre o tema ganham espaços não somente na mídia, como em outras arenas como a legislativa, na discussão de projetos na Câmara dos Deputados. Como consequência desse movimento, os resultados das pesquisas de percepção pública sobre os avanços da ciência já começam a animar. Uma enquete do Ministério da Ciência e Tecnologia, cujos resultados foram apresentados um mês antes dessa reunião, sobre o que o brasileiro pensa de C&T, foi coordenada por Ildeu de Castro Moreira, do MCT, e Luísa